

O VEGANISMO É A SOLUÇÃO PARA AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS?

*Um diálogo entre ativistas da alimentação,
por M. Alejandra Morena**



* Este artigo é baseado em entrevistas realizadas por M. Alejandra Morena com Vanessa Álvarez González, Maresa Bossano, Line Niedeggen, C. Sathyamala e Marité Álvarez em fevereiro de 2020.

M. Alejandra Morena é ativista feminista de direitos humanos, originária da Argentina. Ela é coordenadora dos Direitos da Mulher e de Gênero e editora-chefe do *Observatório do Direito à Alimentação e à Nutrição* da FIAN Internacional em Heidelberg, Alemanha.

A FIAN Internacional é uma organização internacional que vem defendendo o direito humano à alimentação e à nutrição há mais de 30 anos. Ela apoia comunidades e movimentos populares nas suas lutas contra violações ao direito à alimentação.

“Agora, mais do que nunca, em tempos tumultuosos de incerteza, é vital fortalecer nossos próprios movimentos e promover diálogo entre diferentes movimentos — com abertura, compreensão, empatia e respeito.”

AGRADECIMENTOS |

Um agradecimento especial à Christina M. Schiavoni (pesquisadora independente) pelo apoio no desenvolvimento da metodologia para este artigo, e a ela e Giulio Iocco (Universidade da Calábria e *Fuorimercato – Autogestione in Movimento*), Isabel Álvarez Vispo (URGENCE), e Astrud Lea Beringer, Glory Lueong e Sabine Pabst (FIAN Internacional) pelo apoio na revisão deste artigo.

FOTO | © [Alisdare Hickson](#)

1 Leia o artigo: Carrington, Damian. “Huge reduction in meat-eating ‘essential’ to avoid climate breakdown.” *The Guardian*, 10 de outubro de 2018. Disponível, em inglês, em: www.theguardian.com/environment/2018/oct/10/huge-reduction-in-meat-eating-essential-to-avoid-climate-breakdown.

2 Para obter mais informações sobre esse relatório, consulte o artigo “Terra, clima e a construção do conhecimento científico: relatório especial do IPCC sobre as alterações climáticas e a terra” nesta edição do *Observatório*.

Atualmente, os nossos hábitos e dietas alimentares estão no centro dos debates em torno da mitigação das alterações do clima. Os grandes meios de comunicação concentram-se cada vez mais no impacto do consumo de carne e outros produtos de origem animal nas emissões de CO₂.¹ O Relatório Especial sobre Mudanças do Clima e Terras do Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas (IPCC)² inclui uma recomendação de políticas para que se reduza o consumo de carne, descrevendo “dietas saudáveis e sustentáveis (com pouca carne)” como uma grande oportunidade para “reduzir (as emissões de gases de efeito estufa) [GEE] dos sistemas alimentares e melhorar os resultados de saúde”.³ Um de seus autores afirma: [nós] não queremos dizer às pessoas o que comer [...]. Mas seria realmente benéfico, tanto para o clima como para a saúde humana, se as pessoas em muitos países ricos consumissem menos carne, e se a política criasse incentivos apropriados nessa direção”.⁴ A declaração gerou manchetes como: “ONU: Os seres humanos precisam parar de comer carne para salvar o planeta”.⁵

Por trás das manchetes sensacionalistas, no entanto, existe um quadro complexo. Há alguns anos, um documentário popular sobre a indústria da carne alegou que a agricultura animal produzia 51% das emissões globais de GEE⁶ – um número que foi amplamente desmascarado. As estimativas atuais da Organização das Nações Unidas estão próximas de 15%.⁷ Qualquer estatística global dessa natureza varia de acordo com as metodologias aplicadas e tende a ocultar importantes diferenças específicas de contexto, ou modelos de produção. No entanto, existe um consenso crescente de que a produção industrial intensiva de carne e laticínios é comparativamente intensiva em recursos.

Além dos debates científicos, também há um crescente interesse público em como os alimentos que ingerimos impactam as alterações climáticas. Em algumas partes do mundo, mais pessoas adotam dietas veganas, geralmente por razões ambientais.⁸ Este parece ser especialmente o caso nas áreas urbanas do Norte Global, onde os movimentos veganos e climáticos estão a tornar-se cada vez mais entrelaçados. Por exemplo, vários ativistas das Sextas-feiras para o Futuro (FFF, na sigla em inglês) em toda a Europa são veganos. Por outro lado, nas áreas rurais do Norte Global e, mais amplamente, no Sul Global, o veganismo não é uma tendência generalizada, exceto por uma pequena fatia das classes média e alta.

Nesta edição do *Observatório*, analisamos criticamente a questão do veganismo, no contexto do direito à alimentação e à nutrição e o meio ambiente. Perguntamos: O que está a atrair cada vez mais pessoas para dietas veganas — é a crise do clima? Pode o veganismo ser uma solução fundamental para enfrentar as alterações climáticas? Onde estão as intersecções entre soberania alimentar, clima e movimentos veganos? O veganismo está em desacordo com a luta pela soberania alimentar ou em sinergia com ela? Para abordar essas questões, convidamos cinco ativistas a compartilhar suas perspectivas. A seguir, nós as apresentamos em um diálogo sobre essas questões.

Vanessa Álvarez González, ativista eco-feminista, antiespécie e vegana da Espanha, trabalha como assessora de comunicação e imprensa na cooperativa de energia *La Corriente*. Vanessa participa em vários movimentos coletivos, incluindo *Ecologistas en Acción* e *Red Ecofeminista*. Maresa Bossano trabalha no setor de alimentos comunitários há 15 anos no Reino Unido, onde administra a Rede de Agricultura Apoiada pela Comunidade (CSA, na sigla em inglês) do Reino Unido, e administra um café vegano orgânico, além de coordenar um projeto nacional de cooperativas de alimentos e o programa ‘Cinco por Dia’. Line Niedeggen, ativista do clima, organiza greves climáticas com as *Sextas-feiras para o Futuro* em Heidelberg, Alemanha. Line está atualmente a fazer um curso de mestrado em física na Universidade de Heidelberg, com especialização em física ambiental. C. Sathyamala (Sathya) é médica da Índia especializada em saúde pública e pesquisadora acadêmica do Instituto Internacional de Estudos Sociais (ISS), na Holanda. Sathya divide seu tempo entre a bolsa de estudos e o ativismo e é parte do movimento em defesa da saúde e das mulheres na Índia. Ela possui um mestrado em epidemiologia e um doutoramento em ciências sociais. Por último, mas não menos importante, Marité Álvarez é uma pastora tradicional do norte da Argentina. Ela é membro da *Pastor América*, uma organização membro da Aliança Mundial de Povos Nômadas Indígenas (WAMIP), e coordena o Grupo de Trabalho sobre Desenvolvimento Agrícola Sustentável do Mecanismo da Sociedade Civil e dos Povos Indígenas (CSM, na sigla em inglês) para as relações com o Comité sobre Segurança Alimentar Mundial (CFS, na sigla em inglês).

O QUE É O VEGANISMO E O QUE MOTIVA OS VEGANOS?

Nos últimos anos, o veganismo tem estado cada vez mais em destaque. Isso desperta muitas emoções e existem inúmeros conceitos equivocados ao redor do tema. Então, o que é o veganismo e por que as pessoas se tornam veganas? Vanessa diz que o veganismo é “um movimento, uma posição ética e política que defende que não podemos continuar a usar animais não-humanos — seja para comida, roupas, transporte ou remédios”. O que a inspirou a se tornar vegana foi inicialmente a empatia por animais humanos e não-humanos, o que ela sentia desde bem pequena. Além disso, ela acredita na soberania, justiça e respeito ao nosso planeta natal e aos seres

- 3 Shukla, P.R. *et al.*, eds. “Technical Summary”, em IPCC, Climate Change and Land: an IPCC special report on climate change, desertification, land degradation, sustainable land management, food security, and greenhouse gas fluxes in terrestrial ecosystems. 2019. Disponível, em inglês, em www.ipcc.ch/site/assets/uploads/sites/4/2019/11/03_Technical-Summary-TS.pdf.
- 4 Schiermeier, Quirin. “Eat less meat: UN climate-change report calls for change to human diet”. *Nature*, 8 de agosto de 2019. Disponível, em inglês, em: www.nature.com/articles/d41586-019-02409-7.
- 5 Latza Nadeau, Barbie. “U.N.: Humans Need to Stop Eating Meat to Save the Planet”. *The Daily Beast*, 8 de agosto de 2019. Disponível, em inglês, em: www.thedailybeast.com/un-stop-eating-meat-to-save-the-planet.
- 6 Hancox, Dan. “The unstoppable rise of veganism: how a fringe movement went mainstream”. *The Guardian*, 1 de abril de 2018. Disponível em: www.theguardian.com/lifeandstyle/2018/apr/01/vegans-are-coming-millennials-health-climate-change-animal-welfare.
- 7 FAO. “Key facts and findings”. Disponível, em inglês, em: www.fao.org/news/story/en/item/197623/icode/.
- 8 Hancox. Nota 6 supracitada.

que o habitam. Para ela, o veganismo é tremendamente radical, porque pressiona por soluções coletivas contra o capitalismo, incluindo o decrescimento económico.

Maresa tornou-se vegetariana aos 16 anos porque acreditava que era errado matar animais para comer. Mais tarde tornou-se vegana ao descobrir como o leite e os ovos são produzidos. Ela sempre se interessou por alimentos e culinária, e foi inspirada, ainda criança, por uma tia, que era uma cozinheira talentosa e cultivava os seus próprios vegetais. Para Line, que cresceu numa quinta orgânica na Alemanha, o que a leva a ser vegana é “viver da maneira mais ecológica possível” — em outras palavras, reduzir as emissões. Essa também é a motivação de muitos veganos e veganas ou vegetarianos e vegetarianas ativistas das Sextas-feiras para o Futuro no seu círculo. Ela reconhece que há muito sofrimento em muitas propriedades rurais ao redor do mundo. Line entende que rotular a si mesma é arriscado e difícil, pois a pessoa é “julgada e precisa romper com o ‘normal’ num lugar como a Alemanha, onde algumas pessoas veem o consumo de carne como crença religiosa ou cultural”. No entanto, ela acredita que é necessário que o veganismo se torne culturalmente aceite. Vanessa acrescenta que, em tempos de incerteza, algumas pessoas realmente querem forjar uma identidade. Especialmente entre jovens, fazer parte de um grupo social — para ter um senso de ‘pertencimento’ — pode levá-los a recorrer ao veganismo.

A relação entre veganismo e feminismo é tema de debates acalorados em alguns círculos. Segundo Vanessa, o veganismo é em grande parte um movimento de mulheres.⁹ Para ela, isso está relacionado à nossa educação, empatia e cuidado com os outros. Ela também enfatiza as dimensões empoderadoras do veganismo e como o veganismo e o feminismo interagem através de uma lente eco-feminista. Ela mesma passou do ambientalismo, através do feminismo, para o eco-feminismo, e acredita que “se a pessoa, como mulher, se conscientizar das opressões que sofre por causa do seu género e voltar-se para o feminismo, poderá desenvolver mais facilmente a empatia pelos animais”. E, assim como ocorreu com o feminismo, Vanessa observa que há uma tendência para o veganismo ser “pervertido” e “demonizado” pelo sistema.

Maresa menciona igualmente que, embora isso esteja a mudar (por exemplo, entre alguns fisiculturistas masculinos que são veganos), a carne tem sido clássica/estereotipicamente associada à masculinidade: “para ser um homem forte, em forma e saudável, é preciso comer carne!” Além disso, algumas mulheres jovens evitam produtos de origem animal devido a problemas de imagem corporal e de saúde, ou porque acham que isso as tornará mais magras ou mais atraentes, como algumas pessoas famosas e bloguistas que seguem dietas à base de plantas, diz ela.

Nesse contexto, faz-se uma distinção entre dietas à base de plantas e veganismo. O primeiro refere-se apenas à dieta e envolve comer principalmente alimentos à base de plantas (embora isso ainda possa incluir alguns alimentos de origem animal); a motivação por trás da adoção de tais dietas geralmente está relacionada principalmente à saúde. Por outro lado, como descrito acima, o veganismo é visto por muitos como uma filosofia e uma posição ética mais profundas. Essas perspectivas e motivações distintas ajudam a explicar por que algumas pessoas que evitam produtos de origem animal podem considerar com mais cuidado, por exemplo, de onde vêm os alimentos e como eles são produzidos, enquanto outras podem contentar-se em comer substitutos ultraprocessados à carne ou abacates exportados de muito longe, como exploramos mais abaixo.

⁹ De acordo com vários estudos, a proporção de veganas e vegetarianas parece ser significativamente maior em diferentes partes do mundo. Nos EUA, por exemplo, uma pesquisa com 11.000 pessoas veganas mostrou que 76% eram mulheres. Tendências semelhantes foram encontradas na Austrália e na Suécia. *BBC Future*, 18 de fevereiro de 2020. Disponível, em inglês, em: www.bbc.com/future/article/20200214-the-mystery-of-why-there-are-more-women-vegans.

OS MODELOS DE PRODUÇÃO IMPORTAM – E TAMBÉM AS QUESTÕES DE CLASSE E CULTURA

Line enfatiza que o problema está no tamanho da agricultura industrial e da criação de animais, não na produção animal em si, e que “precisamos de ambos — precisamos que mais pessoas sejam veganas e que mais pessoas sejam sustentáveis em coisas como a pecuária, e ambos são muito possíveis”. Existe principalmente a necessidade de que as pessoas reduzam o consumo de carne e laticínios no Norte Global, onde os índices são exorbitantes. Line acrescenta que “se todos comessem 50% menos carne, isso seria equiparável a 50% das pessoas tornarem-se vegetarianas”. Mais importante, de acordo com Line, “não se trata de todo mundo se tornar vegano, mas de mudar para sistemas mais sustentáveis”.

Sathya destaca que os números agregados de emissões não capturam diferenças importantes entre a produção animal industrial e a produção de pequena escala. Ela, portanto, questiona afirmações amplas de que o consumo de carne é uma das principais causas de emissões, pelo menos em algumas partes do mundo, e o peso desproporcional que alguns estão aparentemente a colocar nisso, em comparação com, por exemplo, a indústria de combustíveis fósseis e outros sectores corporativos. Na Índia, argumenta, a produção, na sua maioria, é de pequena escala e pode ter um animal ou dois — e, portanto, não são grandes contribuintes em nível individual às alterações climáticas. Ela pergunta: as emissões de sobrevivência podem ser equiparadas a emissões de luxo?¹⁰ Qual é o propósito do veganismo ao nível internacional no discurso mais amplo?

No diálogo todos as três participantes veganas enfatizam que não esperam que todos os lugares se tornem veganos — e que isso pode não ser necessário ou possível para algumas pessoas em algumas regiões do mundo. Na verdade, elas não se veem como ativistas veganas ou como parte de um movimento vegano, e não colocam de forma proactiva o veganismo no centro de seu ativismo. Os ambientes onde convivem também são diversos. Line reconhece que no seu círculo de ativistas em Heidelberg muitos são veganos ou vegetarianos, incluindo muitos ativistas da FFF que deixaram de comer produtos animais depois de se juntar ao grupo. Vanessa e Maresa, por outro lado, vivem em comunidades onde não há muitos outros veganos.

Associar o veganismo ao ‘elitismo’ não é incomum, como enfatizado por Sathya. Ela ressalta que, na Índia, por exemplo, o vegetarianismo é praticado por um grupo dominante; no entanto, no seu entendimento, o veganismo não é, pois muitos dependem de ovos e leite, e o iogurte é essencial para as dietas da maioria dos vegetarianos. No Norte Global, aqueles que se identificam como veganos geralmente residem em áreas urbanas e fazem parte da classe média. De facto, como Maresa admite, aqueles que lutam para comprar alimentos para as suas famílias podem não ter escolha, pois podem não ter acesso a produtos e lojas diferentes. O ponto crucial da questão, para Sathya, é que, para ser capaz de comer “saudavelmente” como vegano, a pessoa precisa “pagar por uma dieta cara, que não é uma opção para os pobres”. A interseção entre veganismo e dietas saudáveis vai além do escopo deste artigo.

Sobre a acessibilidade das dietas veganas, Vanessa pergunta: como é possível que algumas pessoas — incluindo aquelas no “sul do (hemisfério) norte” — não tenham acesso a alimentos locais, saudáveis e sazonais, como hortaliças e legumes? “E continua: “No fim das contas, o que é retratado como algo elitista pertencente a uma minoria branca e altamente instruída é outra armadilha do sistema e oculta o facto

¹⁰ Leia: Narain et al. *Climate change: perspectives from India*. UNDP, Novembro de 2009. Disponível, em inglês, em: www.undp.org/content/dam/india/docs/undp_climate_change.pdf.

de que as pessoas pobres não têm acesso a alimentos de qualidade.” No nosso sistema, a única opção acessível para muitas pessoas é *fast food* e refrigerantes.

Finalmente, Sathya questiona as dimensões culturais dos alimentos e dietas e compartilha alguns paradoxos da Índia, marcados pelo sistema de castas. A sua pesquisa mostra que alguns grupos e indivíduos que professam não usar violência contra os animais estão a oprimir outros seres humanos em nome do vegetarianismo. Além disso, foram observados casos de extremismo em certos grupos hindus de alta casta nos quais aqueles que não consomem carne estão a “matar humanos que transgridem os seus tabus alimentares”. Nesse caso, a base da não-violência como filosofia por trás de dietas não-animais é transgredida, expondo as hipocrisias do sistema. A “hierarquia alimentar na Índia imita a hierarquia de castas — uma das mais violentas que uma pessoa pode imaginar”, diz ela.¹¹ Nesse contexto, embora não seja consumidora habitual de carne e não tenha crescido comendo carne bovina ou de porco na sua família, ela opta por comer carne de vez em quando para nutrição, mas principalmente por razões políticas. Ela vê isso como um ato de resistência e apoio àqueles que são oprimidos pelo fundamentalismo alimentar.

11 Para mais informações sobre este tema, veja o artigo de Sathya: C Sathyamala. “Meat-eating in India: Whose food, whose politics, and whose rights?”. *Policy Futures in Education* 17:7 (2019): 878–891. Disponível, em inglês, em: journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1478210318780553.

AGRICULTURA À BASE DE ANIMAIS E JUSTIÇA CLIMÁTICA: PODEMOS SUPERAR O SISTEMA BINÁRIO?

Nessa troca de ideias, as opiniões variaram sobre se a pecuária deveria ter um lugar na agricultura e se a produção de carne e laticínios pode ser ambientalmente sustentável e respeitosa aos animais. Vanessa acredita que na maioria das vezes não é possível manter os animais de maneira sustentável devido ao sistema dominante, que serve grande parte da população e requer grandes extensões de terra para produzir gado. Além disso, do ponto de vista ético, ela acredita que devemos afastar-nos de uma visão antropocêntrica da natureza e evitar o uso de animais, com exceção de determinados contextos, como no caso dos povos indígenas. Da mesma forma, Maresa considera que, além de algumas exceções, como as sociedades que vivem da caça e da floresta, a maior parte do mundo não pode produzir produtos de origem animal e ainda viver em sintonia com a natureza. Há uma certa margem de manobra para o uso de animais no trabalho rural, mas não para alimentação. Segundo Line, como mencionado acima, a produção animal pode ser mantida de forma sustentável, e mais pessoas devem se envolver nessa alternativa.

Sathya compartilha exemplos da sua experiência em aldeias da Índia, onde a maneira como os animais são mantidos e tratados é frequentemente muito diferente do Ocidente. Num caso de estudo de um vilarejo, animais como vacas e búfalas são usados para o leite e cabras para a carne, e a vida dos agricultores é entrelaçada com a dos animais. Enquanto trabalhava no campo, uma mulher comentou que estava “deprimida” porque a sua vaca morreu devido a uma picada de cobra. Com uma filosofia e ideologia específicas, diz Sathya, é possível manter os animais de maneira respeitosa e sustentável. E esse é o caso em grande parte das propriedades rurais de pequena escala na Índia, com algumas exceções nas últimas décadas, como a transformação do que era uma atividade de quintal numa indústria avícola de larga escala.

A pastora Marité compartilha sua experiência sobre a importância da agricultura animal. O pastoralismo não é apenas um modo de produção, mas um modo de vida para a sua comunidade e sua família no Gran Chaco da América do Sul, uma região que cobre a Argentina, Paraguai e Bolívia. Como os seus ancestrais, a família cria

cabras, vacas e porcos e também começou recentemente a atuar na apicultura. Eles praticam a transumância — migração periódica de rebanhos — e adaptam-se ao ambiente sem alterá-lo, segundo Marité. Cada território tem sua própria biodiversidade e, como pastores, eles movem-se com as estações do ano, como pequenas unidades familiares. Alguns pastores também vivem da pesca em algumas épocas e muitos cultivam vegetais. Os seus hábitos alimentares mudam ao longo do ano, de acordo com a disponibilidade territorial de diferentes animais, peixes e vegetais, com base nas práticas tradicionais. “Nossa soberania alimentar é fornecida pelos *montes*’ e rios de Chaco”, diz. E acrescenta: “O que eu cozinho começa no terreno e termina no meu prato. Comida é vida. É o ponto de partida.”

Ela e os seus colegas pastores veem-se como parte da paisagem e movem-se de forma a permitir que ela se reabasteça e se regenere. Para eles, criar um rebanho significa não invadir ou prejudicar outras pessoas ou a natureza. A organização de Marité defende a soberania alimentar, o território, a terra e a água e seu modo de produção; portanto, por extensão, eles também defendem a justiça climática. Do ponto de vista deles, a soberania alimentar e a justiça climática estão inextricavelmente ligadas, por isso é vital combater a suposição geral de que a criação de animais é um dos principais contribuintes para as alterações climáticas.¹² “Precisamos colocar as pessoas, os direitos humanos e a soberania alimentar no centro, e o resto seguir-se-á”, afirma Marité. E acrescenta: “A justiça climática está nas minhas veias desde que eu estava na barriga de minha mãe. Era o mesmo para a minha mãe na barriga da sua mãe. E para a minha avó. E a minha bisavó. Faz parte de quem somos.”

Com a chegada da produção intensiva de gado, no entanto, os seus territórios estão sendo reduzidos. Muitos criadores de rebanhos tradicionais estão vendendo as suas terras (ou melhor, o direito à ocupação, pois não possuem títulos formais de terras) a preços baixos, porque foram convencidos de que o pastoralismo nômade é “atrasado”. À medida que as secas e as inundações aumentam, algumas pessoas não veem outra opção, pois lutam para lidar com os impactos das alterações climáticas. Além disso, as mulheres tendem a sofrer mais com o tempo chuvoso devido aos danos que causam aos animais que mantêm (cabras). Marité afirma que a justiça climática e a soberania alimentar estão ligadas: “Se o meu ambiente é destruído, sou privada da minha soberania alimentar e do meu sistema alimentar.” De facto, para quem cresceu com a criação de rebanhos, é a única coisa que sabem fazer; o trabalho fornece-lhes “dignidade, comida e um teto sobre as suas cabeças”. As famílias que perdem os seus meios de subsistência tradicionais frequentemente acabam por viver na pobreza em áreas urbanas e tornam-se dependentes de programas governamentais.

Sathya também enfatiza a questão crítica dos meios de subsistência. Na Índia, por exemplo, a população de pescadores abrange 4 milhões de pessoas, mais de 860.000 famílias.¹³ De facto, para grupos como criadores tradicionais de rebanhos, pescadores ou pastores, os seus meios de subsistência dependem do acesso a pastagens, rios, lagos, oceanos e recursos naturais. Eles precisam desses recursos para produzir alimentos e gerar rendimento para alimentarem a si próprios e as suas famílias.

Também devemos lembrar, como insiste Marité, que pequenos produtores e produtoras têm uma conexão espiritual com a natureza, individual e coletivamente. Antes de entrar no território, pastores e pastoras mantêm um diálogo interno e pedem permissão. O *‘monte’* também é uma entidade viva, um ser, assim como ela mesma

12 Para mais informações sobre a perspectiva da comunidade pastoral na análise do impacto ao meio-ambiente dos sistemas de produção de gado, leia: Manzano, Pablo. “Niveles de referencia en sistemas ganaderos: claves para identificar impactos”. *Remedia Network Blog*, 17 de outubro de 2019. Disponível, em espanhol, em: redremedia.wordpress.com/2019/10/17/niveles-de-referencia-en-sistemas-ganaderos-claves-para-identificar-impac-tos/.

13 Coletivo Internacional em Apoio à Pesca. “Fisheries and Fishing Communities in India”. Disponível, em inglês, em: indianfisheries.icsf.net/.

é a vida. Cada parte do todo é igualmente vida. Nesse sentido, carne e alface são de igual valor. Marité não pode conceber o território e a agricultura como duas entidades separadas, nem ter que escolher entre criar vacas ou cultivar alface — integrar a produção animal e agricultura é essencial. Na sua visão de mundo e contexto, é difícil entender como os veganos se relacionam com a comida e de onde ela vem. Afinal, na cosmovisão de Marité, produzir bens agrícolas com a natureza é uma abordagem holística da produção de alimentos.

O VERDADEIRO MOTOR DAS ALTERAÇÕES DO CLIMA

Vanessa e Line citam o slogan do movimento Sextas-feiras para o Futuro: “Mudança de sistema, não mudança do clima” e enfatizam a necessidade urgente de deixar para trás o sistema capitalista, cuja principal característica é o consumismo. No Hemisfério Norte, como diz Line, consumimos “muitos combustíveis fósseis, muitos produtos de origem animal, saímos de férias com muita frequência, compramos muitas roupas”. Marité acrescenta que também em países como a Argentina, especialmente nas cidades e áreas urbanas, as pessoas não têm tempo para pensar, por exemplo, de onde vem a comida. Nós devemos “consumir, consumir, consumir, sem parar”. As sociedades criam uma zona de conforto onde nos apegamos às nossas pequenas rotinas: “trabalhar, sair, fazer compras, copiar e colar”. É difícil sair da “órbita de nossas vidas tranquilas”.

O agronegócio e o poder das grandes empresas também são dominantes no nosso sistema atual. Marité afirma que poder e recursos concentram-se cada vez mais nas mãos de poucos. Embora haja divergência sobre o papel da produção animal na agricultura entre as entrevistadas veganas e não-veganos, há uma crítica comum ao agronegócio, incluindo a agricultura industrial amplamente dependente da monocultura e de agroquímicos. Vanessa ressalta como é problemático o facto de a agricultora de pequena escala estar a desaparecer, abrindo caminho para culturas em larga escala, como óleo de palma, abacate, soja, beterraba e outras culturas. Marité, na mesma linha de pensamento, condena a produção intensiva de gado, na qual alguns produtores possuem até 3.000 vacas, em comparação com as cerca de 800 vacas que a sua extensa família de mais de 23 pessoas possui. Ela argumenta que a “concentração da indústria tem um efeito prejudicial na sociedade”, o que leva a uma situação que se compara à escravidão; o agronegócio fracassa em alimentar o mundo: apenas “criou uma nova ‘casta’”. Para ela, a verdadeira luta é contra o modelo neoliberal que promove a acumulação de capital.

Infelizmente, como destaca Vanessa, o agronegócio em todo o mundo é sustentado por políticas públicas. Na Europa, os subsídios para a agricultura e a pecuária oferecido pela Política Agrícola Comum (PAC) não alcançam as famílias que trabalham na terra e vão para a indústria açucareira, os grandes supermercados, multinacionais e até construtoras.¹⁴ Sob os auspícios da ‘geração de empregos’ os subsídios acabam em mãos erradas. Por outro lado, os pequenos produtores agroecológicos precisam dedicar um máximo esforço para certificar os seus produtos como orgânicos. “Por que eles precisam fazer isso, e não o contrário?”, questiona.

Outro aspecto crítico levantado nesse diálogo é a globalização. Como Sathya ressalta, no nosso problemático sistema de produção, os porcos da China são alimentados com soja do Brasil e, em seguida, a carne de porco chinesa é exportada para todo o mundo. O problema é estrutural.

¹⁴ Leia: Jarreta, Daniel. “Política Agraria Común (PAC) Tejerina planea evitar que las constructoras sigan recibiendo subvenciones agrícolas”. *El Confidencial*, 22 de dezembro de 2014. Disponível, em espanhol, em: [www.elconfidencial.com/espana/2014-12-22/tejerina-planea-impedir-que-las-promotoras-reciban-subvenciones-agricolas_590146/](http://www.elconfidencial.com/espana/2014-12-22/tejerina-planea-impedir-que-las-promotoras-reciban-subvenciones-agricolas).

Na Argentina, como descreve Marité, a assistência alimentar oferecida pelo Estado é composta por alimentos ultraprocessados — leite em pó, macarrão, açúcar, tomate enlatado com conservantes. O agronegócio promovido no nosso sistema capitalista, que causa destruição ecológica, afeta negativamente as nossas dietas, nutrição e saúde. Em outras palavras, está adoecendo a humanidade e o nosso planeta. Sob a influência da indústria, as pessoas estão a esquecer o que significa nutrição real: as crianças não conseguem diferenciar o valor de uma uva versus um salgadinho “Cheetos”¹⁵, enfatiza. Vanessa também menciona a obesidade infantil como um problema crescente na Espanha, causado pela falta de acesso a alimentos saudáveis e programas educativos sobre alimentação e nutrição.

¹⁵ Salgadinho com sabor de queijo ultraprocessado. Marité referiu-se à “Chizito”, o nome antigo desta marca na Argentina.

Várias das entrevistadas destacaram igualmente a opressão das mulheres pelo sistema dominante. O trabalho das mulheres camponesas é em grande parte invisível, mesmo que elas executem grande parte do trabalho produtivo no campo e na tarefa de cuidar — das suas famílias, comunidades e movimentos.¹⁶ Há uma forte conexão entre justiça climática, agricultura sustentável e feminismo, acrescenta Line. As mulheres são mais vulneráveis aos impactos das alterações climáticas. Ela sugere que “a pessoa não precisa de ser vegana para ser feminista, mas precisa capacitar as mulheres em todos os lugares, defendê-las e melhorar a sua educação sobre o uso sustentável da terra”.

¹⁶ Para mais informações, consulte Donna, Smith, Kiah e Morena, M. Alejandra. “Enfurecidas: Mulheres e a natureza”. *Observatório do Direito à Alimentação e à Nutrição*, 2019. Disponível em: https://www.righttofoodandnutrition.org/files/rtfn-watch11-2019_por_b.pdf.

Além disso, todas ressaltam que o sistema alimentar maltrata tanto animais como os seres humanos: Vanessa e Marité denunciavam as condições de trabalho extremamente precárias de trabalhadores e trabalhadoras nos matadouros, que geralmente, por exemplo em Espanha, são migrantes com poucas outras opções. De facto, quem trabalha em toda a cadeia alimentar enfrenta várias formas de violência estrutural. Sathya lembra-nos, por exemplo, que as taxas de suicídio de agricultores na Índia são assustadoramente altas. Todos são vítimas do nosso sistema perverso.

UM DESAFIO A SOLUÇÕES FALSAS

Nesta era de crises — concordam as entrevistadas — muitas soluções enganosas são oferecidas. Enquanto as participantes veganas identificam as suas dietas como a sua principal contribuição para o combate às alterações do clima, devido à menor emissão de gases de efeito estufa, todas reconhecem que isso simplesmente não é suficiente. Line deixa claro: “algumas pessoas podem tornar-se veganas para ajudar na mudança de que precisamos, mas é difícil quando o fazem e pensam que isso é o bastante; o mais importante é ser vegana e não ficar calada, e sim elevar as nossas vozes”.

Vanessa também explica que a ingestão de uma dieta baseada em vegetais na Europa não surte os efeitos desejados se isso significa comer abacates do México ou quinoa do Peru ou da Bolívia, ou consumir alternativas de carne que são alimentos ultraprocessados, embrulhados em plástico e produzidos por grandes multinacionais como a Unilever. Devemos observar como todos os produtos são produzidos, incluindo produtos de origem não-animal, observa Maresa. Algumas das pessoas que comem dietas à base de plantas não veem a diferença entre agricultura em pequena escala e a de grande escala baseada em monocultura, diz ela — mas essa é uma distinção crucial a ser feita. Por exemplo, o óleo de palma, usado em hambúrgueres veganos e outros produtos veganos, destrói as florestas tropicais.

Vanessa afirma que as soluções não se baseiam apenas na mudança dos nossos padrões individuais de consumo, com a troca do produto X pelo produto Y. O mesmo vale para a troca de sacolas plásticas por sacolas de pano ou talheres de plástico por talheres à base de milho. Essa é uma forma de ‘lavagem verde’ e outra ‘armadilha’ de um sistema que promove o individualismo. Sathya concorda e adverte contra uma promoção acrítica do veganismo, que poderia funcionar como fachada e desviar-se das causas mais amplas. Embora a mudança individual seja obviamente necessária, ela simplesmente não é suficiente.

17 Para mais informações, leia: Firlardi, Marcos Ezequiel, e Prato, Stefano. “Resgatar o futuro dos alimentos: pôr em causa a desmaterialização dos sistemas alimentares”. *Observatório do Direito à Alimentação e à Nutrição*, 2018. Disponível em: https://www.righttofoodandnutrition.org/files/rfn-watch-2018_por.pdf.

18 Hancox, nota 6 supracitada.

19 Para uma análise sobre o impacto da digitalização e desmaterialização dos alimentos no direito à alimentação e nutrição, consulte: *Observatório do Direito à Alimentação e à Nutrição*, 2018: “Quando os alimentos se tornam imateriais: confrontar a era digital”. Disponível em: https://www.righttofoodandnutrition.org/files/rfn-watch-2018_por.pdf.

20 Para mais informações, visite: hydroponicspace.com/top-7-countries-that-use-hydroponics-ther-production-size-revealed/.

21 Consulte o ponto 9 do objetivo 7 “Improve nutrition to promote health” na Gates Foundation. “Fourteen Grand Challenges in Global Health Announced in \$200 Million Initiative”. 14 de outubro de 2003. Disponível, em inglês, em: www.gatesfoundation.org/Media-Center/Press-Releases/2003/10/14-Grand-Challenges-in-Global-Health.

Num relatório de 2018, o Fórum Económico Mundial reconheceu que o sistema industrial de alimentos fracassou, mas propôs novas tecnologias como solução, entre elas “proteínas alternativas”.¹⁷ Como o veganismo está a crescer, pelo menos no Norte Global, grandes investidores estão a mover-se rapidamente para investir em empreendimentos de alternativas à carne ou à base de plantas.¹⁸ Entre as muitas questões levantadas, os alimentos produzidos em laboratório consomem muita energia, conforme destaca Sathya.

Sathya também adverte sobre um esforço para separar a produção de alimentos da terra.¹⁹ Em alguns países como o Reino Unido, EUA (e a Índia também está a seguir o exemplo)²⁰ cresce a produção com a técnica de hidroponia. Mais notavelmente, a indústria de biotecnologia está a mover-se rapidamente. Um dos catorze “Grandes Desafios da Saúde Global” da Fundação Bill & Melinda Gates foi o cultivo de uma “única espécie de planta básica», uma planta com proteínas, carboidratos e tudo o que é necessário para a nutrição humana.²¹ Mesmo que esse projeto não tenha começado, não devemos perder de vista esses desenvolvimentos, que em grande parte aumentam o desafio de como produzimos alimentos. Se os alimentos não são mais cultivados no solo, todo o sistema alimentar pode ser (até) mais facilmente controlado e trará mudanças cataclísmicas em relação à terra. Ela diz que não devemos adotar as chamadas alternativas sem considerar o cenário geral e procurar opções holísticas. Em vista desse amplo “tecno-otimismo”, Vanessa também alerta: a solução não pode vir “daqueles que nos estão a empurrar para o abismo”. Muitos avanços tecnológicos beneficiam apenas alguns — mas a resposta deve ser coletiva e justa para todos.

UMA CONVERSÃO PARA A MUDANÇA DE SISTEMA

Apesar da diferença de contextos, visões de mundo e origens de nossas entrevistas, há um consenso em redor de um tema: é necessário transformar o atual sistema desigual, capitalista e patriarcal para enfrentar as atuais crises climáticas e ecológicas e outras crises globais múltiplas, e chegar a uma realidade em que haja alimentos nutritivos e acessíveis para todos. E, para isso, precisamos primeiro de clareza na nossa análise e ir à raiz do problema. Segundo, devemos ter clareza nas nossas visões coletivas.

Apresentamos aqui alguns elementos de como seria um sistema diferente. Fundamentalmente, as pessoas necessitam de ser capazes de decidir que tipo de alimentos produzir e como. Todas as cinco participantes deste rico debate convergem em torno da importância de alimentos produzidos por pequenos produtores de maneira agroecológica, juntamente com a promoção de mercados locais e regionais para manter as cadeias de transporte a curta distância. Isso é fundamental para

alcançarmos a justiça climática, considerando que a agricultura industrial em larga escala é um dos principais poluidores — seja a agricultura industrial ou a pecuária. A agroecologia é o caminho ideal a ser seguido para esfriar o planeta.

Para atingir esses objetivos comuns, devemos aplicar várias estratégias. Devemos exigir que os governos adotem políticas para apoiar os pequenos produtores, a fim de que alimentos nutritivos sejam acessíveis a todos — e não apenas à elite — e aplicar os regulamentos necessários, por exemplo, sobre pesticidas. Devemos deter a concentração e a apropriação de terras e recursos naturais por alguns poucos e a promoção de megaprojetos em detrimento da soberania alimentar, natureza e biodiversidade. Devemos combater o poder corporativo, os desequilíbrios de poder e as emissões de gases com efeito estufa que eles criam.

Para que essas demandas sejam acatadas, precisamos usar as nossas vozes — especialmente em democracias onde temos oportunidades de o fazer. Devemos fazê-las nas ruas, como o exemplo do movimento Sextas-feiras para o Futuro, e através de nossos votos, sugere Line. Devemos garantir que os políticos não sejam reeleitos se não usarem o seu poder da maneira correta, de acordo com nossos objetivos. Marité apela à participação real das pessoas afetadas por decisões que impactam as suas vidas — e destaca que os Estados devem implementar os múltiplos instrumentos globais que apoiam a sociedade civil em suas lutas.

Sem dúvida, devemos trabalhar como um movimento coletivo — as nossas ativistas convidadas já enfatizaram acima que uma pessoa sozinha não consegue fazer muita diferença. No entanto, ainda é importante educar a sociedade e questionar o nosso comportamento, e considerar, por exemplo, os impactos do consumismo do Norte Global em outras partes do mundo. Geralmente, como consumidores de todo o mundo, podemos começar a questionar de onde vem os nossos alimentos e podemos optar por apoiar pequenos produtores sustentáveis locais.

O atual movimento pelo clima liderado por jovens, do qual o veganismo é um componente popular, tem atraído muito a atenção e vale a pena notar que o movimento para a soberania alimentar estabelecido há mais tempo não foi capaz de atingir esse nível sem precedentes de popularidade. Mas, embora possam vir de realidades novas e diferentes, eles estão a continuar o trabalho feito antes deles. Agora, mais do que nunca, em tempos tumultuosos de incerteza, é vital fortalecer nossos próprios movimentos e promover diálogo entre diferentes movimentos — com abertura, compreensão, empatia e respeito. Precisamos encontrar as nuances em questões complexas que muitas vezes podem ser apresentadas de maneiras simplistas e polarizadoras, pois isso não nos aproximará mais da mudança necessária. Somente com a promoção dessas conversas difíceis e com a busca de um terreno comum podemos efetivamente avançar. Caso contrário, podemos cair na armadilha de vários tipos de “fundamentalismos”, criticados por todas as participantes deste diálogo de cinco vias.

Não precisamos de nos juntar a todos os aspectos de todas as lutas, concordar com tudo ou “colonizar” outros espaços. Por fim, não existe uma solução única para todos. Cada canto do mundo tem a sua própria visão contextual de soberania alimentar, argumenta Marité. Line tem a mesma visão sobre a justiça climática:

Não devemos debater se o veganismo é a coisa perfeita ou se é comer carne. Nunca concordaremos com um plano diretor para o clima — não existe uma solução única. Em vez disso, precisamos encontrar soluções conjuntas para os desafios comuns que enfrentamos, mas essas devem ser soluções localizadas para comunidades locais em diferentes países, para que elas possam ser mais sustentáveis, reduzam o diâmetro do círculo produtor e não dependam mais de grandes participantes. Uma banda mais ampla de motivações, crenças e ideias é o que precisamos para garantir que todos possam fazer parte dessa transformação. Pessoas e países são diferentes — e todos devem ser vistos e devem ter a oportunidade de dizer o que pensam.

Este artigo é apenas um exemplo de como ativistas e profissionais de todo o mundo podem engajar-se numa conversa rica e significativa: as nossas cinco entrevistadas esperam por oportunidades de mais discussões e debates para uma luta comum pela justiça climática e pela soberania alimentar.



EM RESUMO

Atualmente, nossas dietas estão no centro dos debates em torno da mitigação das mudanças climáticas. Os principais meios de comunicação concentram-se cada vez mais no impacto do consumo da carne nas emissões de CO₂. Além dos debates científicos, há um crescente interesse do público em como os alimentos que ingerimos impactam as alterações do clima. Em algumas partes do mundo, mais pessoas estão a adotar dietas veganas, e os movimentos veganos e de defesa do clima tornam-se cada vez mais entrelaçados. Por exemplo, vários ativistas das sextas-feiras para o futuro em toda a Europa são veganos e veganas.

Neste artigo, vamos dar uma olhada crítica no veganismo. O que está a atrair cada vez mais pessoas para as dietas veganas — é a crise climática? Pode o veganismo ser uma solução fundamental para enfrentar as alterações climáticas? Onde estão as intersecções entre soberania alimentar, clima e movimentos veganos? Está o veganismo em desacordo com a luta pela soberania alimentar ou em sinergia com ela? Para buscar respostas a estas questões, cinco ativistas compartilham suas perspectivas.



CONCEITOS-CHAVE

- Veganismo pode ser descrito como “um movimento, uma posição ética e política que defende que não podemos continuar a usar animais não-humanos — seja para comida, vestuário, transporte ou remédio”. Várias motivações levam as pessoas a apoiar o veganismo, incluindo a empatia por animais e por razões ambientais.
- Existem posições divergentes entre as entrevistadas sobre se a produção animal deve ter um lugar na agricultura e se a produção de carne pode ser ambientalmente sustentável.

- No entanto, argumenta-se que o debate não deveria ser sobre se “o veganismo é a coisa perfeita ou se comer carne o é”, pois não existe “uma solução única que sirva para todos”.
- Em vez disso, precisamos fortalecer nossos próprios movimentos, promover diálogos com outros movimentos, e unir forças para um objetivo comum: transformar o sistema patriarcal capitalista para enfrentar as crises atuais e alcançar-se a soberania alimentar e a justiça climática.
- Para isso, precisamos elevar nossas vozes e exigir que os governos adotem políticas que reduzam o agronegócio prejudicial ao clima e apoiem pequenos agricultores na produção de alimentos nutritivos e acessíveis para todos — de uma maneira agroecológica que ajude a esfriar o planeta.



PALAVRAS-CHAVE

- Veganismo
- Alterações do clima
- Destruição ecológica
- Justiça climática
- Soberania alimentar
- Modelos e produção
- Agroecologia
- Agroindústria
- Poder corporativo
- Capitalismo
- Patriarcado

